

O DEMOCRATA

← SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO →

DIRECTOR e EDITOR

Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia Social de Procopio de Oliveira, R. Camões—ILHAVO

Redacção e Administração
R. Direita, n.º 54—Aveiro

Santa Joana, amorosa?

A's vizes, um simples pormenor colhido ao acaso nas paginas dum velho linhagista, basta para modificar por completo a fisionomia duma figura historica.

Conhecem, decerto, das agiografias portuguesas, o perfil dessa doce infanta de olhos verdes e de cabelos loiros—a filha de D. Afonso V—tão bela que diante da luminaria do seu retrato Luis XI caiu de joelhos, tão piedosa que trocou nas suas armas e na sua baixela de prata a coroa de princesa pela coroa de espião gotejante de sangue, e de tal maneira inclinada á vida claustral que, não tendo de facto chegado a professar, veio a morrer envolta na estamemha de S. Domingos, no mesmo convento de Aveiro para onde entrara aos vinte anos. Os seus biógrafos—o mais pitoresco dos quaes, no fim do seculo XVII, foi esse Cônego mirrado que se chamou Correia de Lacerda—explicam, como sabem e como podem, as razões que levaram D. Joana a refugiar-se num mosteiro, contra a vontade do pai, do irmão e do povo que a adorava, precisamente quando tudo na vila parecia sorrir para ella, as graças da mocidade, os esplendores da realza, os encantos da formosura. A sua deliberação de abandonar o mundo é por eles attribuída a uma crise de exaltação mística com estados de acedia profunda, consecutiva á morte da mãe (contava então 15 annos), e para o qual teriam contribuído o exemplo da tia D. Filipa, freira em Odivelas, a influencia que sobre o seu espirito exercera uma fanática, a filha de D. Duarte de Menezes, escolhida por D. Afonso V para aia da infanta, e a sua natural propensão desde verdes annos revelada para a vida monástica, a ponto de, quando ainda mal lhe apoiavam os seios, usar já cilícios asperos de baixo da tela de ouro dos vestidos e dormir numa cortiça, sobre enxerga de estopa, com a humildade duma donata capucha. Seja, porém, como fór, o que é positivo é que nem os rogos paternos, nem as supplicas dos procuradores do povo, nem as ameaças do irmão, nem as proprias grosserias do bispo de Evora, que chegou a lançar-lhe as mãos violentamente ao habito, conseguiram demover-lhe do proposito de se considerar morta para as alegrias e para as opulencias da existencia mundana. Vestiu a estamemha da aprovação no dia 28 de janeiro de 1475; fez em seguida, por imposição do povo e do rei, acto publico, de desistencia, despidendo o habito e mostrando-se, através das grades doiradas do côro, vestida de veludo verde e coberta de joias; mas nunca mais saiu do mosteiro, onde continuou vivendo na observancia da regra e das constituições dominicanas, como se na verdade fosse religiosa; e, quando quinze annos depois morreu, ao que parece duma endocardite consecutiva a poliartrite reumatisal (houve quem affirmasse que uma mulher de Aveiro lhe dera peçonha num pucaro de agua), tudo se passou na comunidade como se, realmente, uma das freiras profetas tivesse adormecido no seio do Senhor. No momento em que o seu cadaver, a caminho da sepultura, atravessava no esquite aberto os jardins do claustro grande—diz a lenda—todas as flores e todas as arvores secaram. D. Joana, provado o culto immemorial pela sua imagem, foi beatificada, por breve de Innocencio XII, em 4 de abril de 1693.

Até aqui, aquilo que nós acreditávamos, levando-nos na versão dos agiografos e dos cronistas palatinos. Mas parece que essa versão, na parte que especialmente se refere aos motivos que levaram a infanta a recolher-se ao mosteiro de Jesus, não é conforme com a verdade dos factos. Assim o deu a entender, numa sessão recente da Academia das Sciencias, o meu querido amigo Henrique Lopes de Mendonça, hoje o patriarca do teatro português, cuja obra tem a suntuosa opulencia das velhas pratas lavradas, e cujo espirito de investigação historica nada fica a dever ás excellencias da sua estirpe literaria. Segundo a interpretação inteiramente nova, apresentada por este eminente confrade, a filha de D. Afonso V ter-se-ia recolhido á vida monástica por motivo mais de ordem temporal do que espiritual, e em virtude de paixões mais humanas do que divinas. E' o que se infere do confronto duma referencia da cronica de Rui de Pina (cap. 33) com determinada passagem de um linhagista anonimo, encontrada num códice do seculo XVI pertencente á Academia das Sciencias de Lisboa e intitulado *Linhagens de Portugal*. Em 1471, quando Afonso V regressou da Africa (conquistas de Arzila e Tanger) encontrou a filha D. Joana, que então contava 18 annos, vivendo como se fora rainha com grande casa de donas e donzellas, e fazendo despesas excessivas para um país gloriosamente arruinado pela guerra. Por essa razão «e assim por se evitar alguns escandalos e prejuizos que em sua casa, por não ser casada, se poderiam seguir—diz o cronista—el-rei, por conselho que sobre isso teve, logo no mez de outubro desse anno (1471) a apartou, e em habito secular, e com poucos servidores, a pôs no mosteiro de Odivelas, em poder da senhora D. Filipa sua tia». Quer dizer: não

foi ella quem, de seu motu proprio, quiz recolher-se a um convento; foi o pai que tomou essa resolução,—por motivos não só de natureza economica, mas tambem de ordem moral. A que escandalos quereria referir-se o austero e cauteloso Rui de Pina? Bem sei que a sua allusão tem um caracter meramente presuntivo; mas quando um cronista, que é ao mesmo tempo um diplomata, fala por esta fórma acerca duma princeza de sangue real cujo cadaver—pode dizer-se—ainda estava quente, é porque tem fortes razões, e porque essas razões são de certo modo notorias. Com effeito, pode calcular-se o que seria na barbara Lisboa do seculo XV esse gynecceu doirado do Paço da Alcáçova, viveiro de raparigas novas em volta duma infanta de 18 annos, que era bela e que vivia sósinha; e sem por sombras duvidar da pureza de D. Joana—Lopes de Mendonça, no admiravel trabalho que apresenta e fez publicar, presta homenagem á sua internerata virtude—é licito supôr que qualquer inclinação amorosa, não talvez dela por alguém, mas dalguém por ella, teria obrigado o rei a internar a filha, embora como secular, nas grades dum mosteiro. Ora precisamente por este tempo—é o genealogista anonimo do seculo XVI que levanta a ponta do veu—D. Afonso V mandou degolar em Lisboa um moço muito nobre, Duarte de Sousa, filho segundo do senhor de Baião, «por entrar no Paço da noite e lhe acharem um sapato que foi reconhecido por seu». Não era natural que o monarca, bondoso por indole, «remisso mais que trigoso nas grandes execuções» (diz o cronista), usasse de tamanha severidade tratando-se apenas duma aventura com qualquer das damas da infanta; se a cabeça de Duarte de Sousa caiu no patibulo, é porque o seu desvario amoroso aspirava a mais alto,—presumivelmente á filha do rei, cuja perturbadora formosura, evidente na tábua quattrocentista, do Museu de Aveiro, os pintores flamengos e florentinos vinham em romaria retratar a Portugal. Teria sido essa tragedia de amor, mais do que o desgosto ou o despeito pela extinção da sua casa principesca, a causa do recolhimento quasi monastico da infanta D. Joana em Odivelas, e, mais tarde, da sua obstinada deliberação de professar em Aveiro no habito de S. Domingos? Tudo parece indicar que sim.

Não me surpreenderei muito se amanhã, encontrados novos elementos de prova, a filha de D. Afonso V tiver de ser considerada, não apenas como uma grande santa dominicana, mas como uma das grandes amorosas da nossa historia.

Julio Dantas

O Democrata vende-se em Aveiro no Quiosque Raposo, da Praça Marquês de Pombal.

Films...

A proposito

Festeja-se amanhã em Aveiro a Princesa Santa Joana, canonizada pela Igreja, e por isso vem mesmo a talhe de foice o artigo de Julio Dantas—Santa Joana, amorosa?—reproduzido noutra parte deste jornal. Como nele verão os leitores de O Democrata, a filha de D. Afonso V. tambem amou. Amou e foi amada a ponto de, no interior do Paço, ter sido encontrado um sapato de alguém que lá entrava de noite, a occultas, mas que veio a pagar caro o esquecimento visto os reis daquelle tempo não serem para graças.

Só o que é para lamentar é que sendo Duarte de Sousa a outra vitima não seja ele, em vez de S. Domingos, quem siga no andor, atraz da santa, de sapato na mão como que a dizer—paguei com lingua de palmo...

Buxo barato

Ha dias vimos anunciado num jornal o buxo de cerio proprietario que, desejando desfazer-se dos seus bens, o offercia por preço diminuto.

Olha o milagre. Em Ilhavo conhecemos nós, em tempo, um negociante, mas esse não o vendia—dava-o...

PRÓ AVEIRO

A CONFERENCIA DO DR. ALBERTO SOUTO INTERESSA E INTUSIASMA QUANTOS A ELA ASSISTEM

Com o teatro completamente cheio a ponto dum grande numero de pessoas ter de ficar de pé aglomeradas em volta da plateia, realisou-se no sabado á noite a primeira conferencia da série das que a Associação Commercial e Industrial de Aveiro se propõe effectivar e na qual ficou sufficientemente esclarecido que esta cidade se encontra de alma e coração ao lado dos que pugnam pelo seu progresso, pela sua grandesa, pelo seu desenvolvimento, emfim.

Passava poucos minutos das 21 horas quando o sr. dr. Joaquim Peixinho, presidente da Junta Geral do Distrito, assumiu a direcção dos trabalhos, escolhendo para o secretariarem os srs. José Tavares, presidente do Senado Municipal e Diniz Gomes, presidente da Câmara de Ilhavo.

Após breves palavras de referencia ao dr. Alberto Souto, por de mais conhecido no nosso meio para que fosse necessario uma apresentação em forma, este, agradecendo-as á presidencia afirma que as não merece porque quem cumpre o seu dever não merece louvores e o dever de todos os que nasceram nesta terra e dizem amala é lutar pelos seus direitos e trabalhar pelo seu engrandecimento.

Certamente que quem abnegadamente se dedica ao bem publico não deve ser apedrejado. antes deve ser rodeado de incitamentos, mas o conferente não faz mais do que honrar a herança que os seus antecessores lhe deixaram, herança gloriosa de nomes illustres que tanto se esforçaram por que Aveiro prosperasse.

Das ideias que defende poucas, poucas são originaes; o merito de quem hoje as agita e impõe está

apenas em as resuscitar do esquecimento em que as deixáramos cair, todos entregues como temos andado, a lutas mesquinhas que não deram honra nem proveito, nem á terra nem a ninguém.

O momento é azado e propicio para se levantar o pendão das reivindicações locais. O mau sestro que os nossos politicos tem tido de concentrarem as suas atenções em Lisboa esquecendo o resto do país e quasi que mofando da provincia, a pessima administração dos últimos annos, a desorientação dos partidos, a falta de sequencia nos planos de governo, o relaxamento dos serviços publicos, o parasitarismo da capital com as suas revoluções, desordens, cafés, burocratas e revolucionarios de todos os matizes, determinou uma grande reacção que se manifesta já por um justificado regionalismo como libertação da insupportavel tutela da capital que nada faz nem deixa fazer. O orador é insuspeito para falar assim; não tem políioa, mas todos conhecem o seu antigo republicanismo. A hora, porém, é de sinceridade e bom é que se confessem os erros para se poderem emendar.

A obra da Camara Municipal de Aveiro e o exemplo que o seu illustre presidente dr. Lourenço Peixinho, de quem faz um caloroso elogio, nos tem dado, dotando-nos com um hospital dos melhores da provincia, rasgando a nova avenida, fazendo a mudança da cadeia, aformoseando a cidade, são a prova de que temos homens capazes de acompanharem na administração local o movimento de renovação que se vem desejando em todas as manifestações da nossa actividade e que as continuas crises politicas não tem deixado começar pelo alto como ha muito se devia ter feito.

Vamos muito atrasados dos outros povos do mundo civilizado, temos dormido preguiçosamente o sono dos esquecidos,—é preciso caminhar agora muito e fazer um grande esforço para nos salvarmos do desastre que a luta pacifica no

campo economico, depois da guerra, nos está preparando.

Calou-se o estrondo das armas e dos canhões, mas contêmos com uma guerra temerosa, guerra surda mas formidavel, que se vai travar no commercio e na industria. Ai dos povos que se não prevenirem! A guerra demonstra que não estamos habilitados a viver por nós proprios; precisamos, pois, de mudarmos de vida acompanhando a civilização contemporanea, produzindo mais e melhor e aumentando o bem estar do povo. Sem podermos contar de futuro com o Brazil e com a America como até aqui temos feito, precisamos de cuidar das nossas colonias e da metropole onde tudo quanto representa recursos e riqueza publica está num cruel abandono. A nossa terra é fecunda e fertil como poucas do mundo; o povo tem aptidões para tudo, adaptando-se admiravelmente a todo o genero de trabalhos, da lavoura á fabrica, e da arte á pesca e á navegacão.

Temos obrigação de legarmos ás gerações futuras um patrimonio nesta crise, por culpa do nosso desmazelo e da incuria dos que nos tem governado.

Dirigidos e dirigentes, governantes e governados, povo e classes cultas, tem de mudar de rumo se quiserem existir.

A direcção da Associação Commercial e Industrial de Aveiro assim o compreendendo resolveu lançar-se nesta campanha, chamando para os problemas que interessam a cidade e as populações vizinhas as atenções de todos.

E o encanto quebrou-se já. Se os serviços prestados por Aveiro á Republica não mereceram dos homens do governo nenhuma consideração, a nossa attitude respeitosa mas energica, firme, digna, pedindo justiça fez com que comessem a atender-nos.

O orador lê em seguida a lista das reclamações formuladas ao governo, reclamações essas que tendo constituido o programa de trabalhos da direcção de que faz parte, foram depois de aprovadas em assembleia geral de fevereiro ultimo, entregues ao governador civil e defendidas sem cessar por ele, orador, e por todos os aveirenses que o tem acompanhado nesta cruzada junto dos governos.

Nesta altura podia o dr. Alberto Souto ter posto a nú todas as trapacices do *Camaleão* e toda a incompetencia do sr. Mendonça, governador civil ás ordens dos Firmos, que conhecendo tanto as necessidades locais como nós conhecemos de lagares de azeite, nada compreendeu daquilo que se lhe pediu e tudo tem prejudicado com a mania de servir a casa da Vera-Cruz em vez de tratar do que lhe cumpria como chefe do distrito.

Mas o conferente que manifestamente não queria perder a linha que se impoz, em vez de cair a fundo sobre os do *Camaleão*, passou a analisar a proposta do sr. Ministro do Comercio sobre a reorganização da *Escola Industrial Fernando Caldeira*.

Fez uma larga dissertação sobre a importancia do ensino tecnico, referindo o exemplo da Alemanha,

Enlace

Dizem-nos de Garvão terem-se ali unido pelo casamento dois antigos namorados que contam, atualmente, ele 84 annos e ella apenas 78 rissonhas primaveras.

Os novos, acrescenta a noticia, seguiram para S. Martinho das Amoreiras, onde vão passar a lua de mel.

Pois que gosem e se conservem fieis—para não desmanchar o conjunto...

Imprensa

«O Mundo»

Após alguns mezes de suspensão forçada por causa da greve dos trabalhadores da imprensa, reapareceu, com outros, este confrade de Lisboa ao qual a Republica conta no numero dos que a servem com mais demodo e dedicacão. O «Democrata» saud-o.

«A Situação»

Tambem voltou a ter contacto com o publico o orgão sidonista da capital, que deste lugar cumprimentámos.

Convite honroso

O Brazil, por intermedio do seu mais alto representante, acaba de dirigir convite ao sr. Presidente da Republica Portuguesa para visitar a grande nação irmã a quando do centenario da sua emancipação politica, constando que o sr. dr. Antonio José de Almeida está na melhor disposição de acceder aos desejos do governo brasileiro caso a saude lho permita.

Oxalá isso aconteça para ver se se consegue acalmar um pouco as iras dos que mais tem agitado, sem proveito, a questão da nativismo.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a Farmacia Central.

"O Democrata,"

Assinaturas

(Pagamento adiantado)

Portugal, ano.....	1500
Semestre.....	800
Colônias, ano.....	500
Brazil e estrangeiro, ano.....	1000
Avulso.....	50

Anúncios

Por linha (1.ª pagina).....	40
" (2.ª pagina).....	20
Comunicados.....	20
Contagem pelo linometro corpo 8. Perma- nentes, contrato especial.	

Inglaterra e França e afirmando que se a França depois da guerra de 70 não tivesse, apoz criteriosos e minuciosos inqueritos, levantado a educação profissional dos seus operarios, mestres e engenheiros, não poderia ter batido a Alemanha nesta guerra onde a arma mais poderosa foi a sciencia, o progresso da quimica e da mecanica que forneceram os meios com que os exercitos venceram. A Escola Fernando Caldeira criada ha 25 anos pelo sr. dr. Bernardino Machado, a quem Aveiro deve outros beneficios, foi dotada em 1915 com um curso de commercio. Parece que por esse curso ter dado otimos resultados, foi extinto numa reforma de 1918. Desde então a nossa escola profissional deixou de ser escola de commercio e deixou de ser escola industrial e ainda por cima passou a não pagar á Misericordia a renda da casa onde, por favor, se acolheu.

Isto dá bem a ideia da forma porque se tratam neste país os grandes problemas nacionais e se desprezam as conveniencias e o futuro de um povo, como o de Aveiro, que não ameaça o Terreiro do Paço com revoluções.

A proposta do sr. dr. Antonio da Fonseca, viza o alto intuito de adaptar a escola ás nossas aptidões e recursos: uma escola de commercio para caixeiros, guarda livros ou emigrantes e colonos e um curso industrial para as industrias ceramicas que em Aveiro contam artistas primorosos.

Sobre as obras da Ria e Barra, o orador com receio de cansar o auditorio, que aliás o escutava com o mais religioso silencio e atengão, não quiz alongar-se, dizendo que o sr. capitão-tenente Rocha e Cunha desenvolveria largamente o assunto.

No entanto poz em relevo a necessidade de se efetuar a dragagem da ria e se garantir por um sistema de obras já começadas e em parte a concluir, a comunicação da ria com o mar, pois a obstrução da barra tem representado sempre para Aveiro e concelhos marginaes uma verdadeira catastrophe. Aludindo ás crises que a Beira-Mar sofreu nos séculos XVI, XVIII e XIX por se ter tapado a barra, lembrou que de uma das vezes a parte baixa da cidade esteve inundada durante nove mezes, paralisando todo o trabalho maritimo, fluvial e agricola, e produzindo-se uma epidemia e uma miseria que fizeram passar horrores ás populações da beira-ria.

Necessita-se de um trabalho permanente do homem para se salvar da ruina esta grande riqueza e se evitarem desastres eguais.

A Junta administrativa das obras, hoje existente, e que foi criada em tempo de Gustavo Ferreira Pinto Basto, não correspondeu ao pensamento deste illustre aveirense que tão bem encarou as questões da ria e da barra. Presidida por um governador civil de fóra que nunca sabe nada destes complicados assuntos, formada por burocratas e sem dotação, a Junta não pode desempenhar-se da missão que lhe compete.

A Junta Autonoma, proposta pelo sr. Ministro do Comercio será o fulcro onde assentará o resurgimento e a salvação da ria e barra de Aveiro.

Terminando, o orador diz que já tem sido malevola-

mente deturpadas as patrioticas intenções com que andam os homens que tomaram este assunto a peito. Não admira. José Estevam, nome que Aveiro nunca esquecerá, porque lhe deve tudo quanto é, tendo sido um apaixonado pelas obras da barra foi por causa delas muito caluniado.

Aos seus inimigos não repugnou mancharem o seu nome impoluto, dizendo que a estrada de Aveiro á Barra, porque ele tanto pugnava, era um *negocio* por causa das areias e do palheiro que o tribuno possuía na Costa Nova. Por causa das arremetidas do jornal que aqui o combatia, (o conferente não o disse mas bem se sabe que era o *Camaleão* dos Firminos) José Estevam trouxe a Aveiro na epoca dos temporais o ministro respetivo e meteu-o num barco a caminho da Costa. O ministro que tinha medo da agua, viu a morte deante dos olhos. José Estevam esfregava as mãos de contente e a estrada fez-se imediatamente.

O orador está disposto a desprezar todas as calunias dos inimigos do progresso da nossa terra e a caminhar para a frente, falando de cabeça erguida em defesa dos interesses da nossa Beira-Mar.

Que façam o mesmo todos os homens sãos e de boas intenções que a obra irá á vante.

As propostas do Ministro são uma esperança. Devemos unirmo-nos todos á roda da bandeira da prosperidade locais. Só assim a Patria, chorosa e triste pelas nossas desavenças e pelos nossos desleixos, nos poderá mostrar a sua face risonha e triunfante.

O orador, que ao terminar foi calorosamente ovacionado, recebeu, a seguir, outras manifestações de apreço levadas por pessoas de todas as categorias sociais e que assaz devem ter contribuido para o proseguimento da obra em que anda empenhado com os seus colegas da Associação Commercial, obra que ninguem será capaz de obscurecer porque a ditam o sentimento que não o interesse pessoal, a ansia do progresso que não o egoismo sordido dos que, incapazes de produzir, tudo pretendem encravar.

Na mesa foram lidas adesões da Câmara de Estarreja, dos srs. drs. Casimiro Barreto Sachetti e Jaime Silva, do comando da Guarda Fiscal, etc., etc., tendo os trabalhos concluido por uma saudação á imprensa local e aos diarios que mais se veem distinguindo na propaganda dos interesses de Aveiro, defendendo-os nas suas colunas.

Hoje etectua-se a segunda conferencia, devendo dissertar sobre assuntos da barra e ria o capitão-tenente, sr. Rocha e Cunha.

O DEMOCRATA é o jornal republicano de maior tiragem e circulação que se publica na sede do distrito de Aveiro.

OS IMPRESSOS DA CAMARA

Senhor dr. Lourenço Peixinho, illustre presidente da Câmara de Aveiro: Vossa Excelencia tem prestado altissimos serviços a esta cidade, embelezando-a e transformando-a sem se deter perante nenhum obstaculo, dotado de uma vontade de ferro, pondo de parte todas as conveniencias, indiferente aos ataques que lhe dirigem, Vossa Excelencia tem realizado uma grande obra que o enobrece e que nos honra a todos.

Honra lhe seja!
Mas do que Vossa Excelencia não é capaz é de cortar a mamadeira dos impressos ao secretario da câmara, porque Vossa Excelencia tem medo do José, o José é um dos donos da Republica, o Firmino é sobrinho do José, o José protege o Firmino, o Firmino é o chefe da casa da Vera-Cruz, desse grande formigueiro de Firminos, e não ha volta a dar-lhe.

O sr. dr. Lourenço Peixinho, que se tem portado como um leão a defender os interesses da Câmara... é um cordeiro deante dos impressos.

O sr. dr. Lourenço Peixinho: quanto custam os impressos da Câmara?

E os editais no *Camaleão*? E o resto que vai para o bolso do secretario? E a casa do Firmino?

Isto é que Vossa Excelencia não é capaz de dizer, nem de averiguar. Ou será capaz disso?

Olhe o anuncio do *Regional*! Olhe o almoço do ministro do Comercio!...

NECROLOGIA

Por falecimento de seu pae, sr. Amandio de Miranda Cabral, *crivão notario em Albergaria-a-Velha, está de luto o sr. dr. Hernani de Miranda, advogado nos auditorios da mesma comarca, a quem apresentamos as nossas condolencias.

Com 77 anos faleceu em Oliveira de Azemeis o sr. José Antonio Esteves, muito considerado pelo seu caracter quer na vila quer no resto do concelho onde era conhecido.

A seu genro, sr. Miguel Castro, e de mais familia, o nosso cartão de pêsames.

SARAU ACADEMICO

Temos presente o programa, bastante variado, do que pensam levar a efeito no proximo dia 20 os estudantes do nosso liceu.

Diremos sobre ele.

EM LIBERDADE

Por falta de provas para ser enviado ao poder judicial, safu da prisão, o tesoureiro proposto da filial da Caixa Geral de Depositos, indigitado autor do roubo a que aludimos no numero transacto.

Está substituido no lugar pelo sr. Antonio Teixeira que ha anos aqui desempenhou as funções de administrador do concelho e commissario de policia.

Interesses locais

Pelo sr. ministro do Comercio, dr. Antonio da Fonseca, já foi apresentada na Câmara dos Deputados uma proposta de lei, antecedida de justas considerações, em que, por meio de numeros, se mostram as possibilidades dum largo futuro para a barra e ria de Aveiro, desde que se crie a Junta Autonoma com faculdades de dirigir, administrar e executar estudos e obras que visem a conservação e melhoramentos delas, bem como a construção e exploração dos portos comercial e fluviaes da cidade e que tambem se inclue no aludido projecto.

Ao mesmo tempo entregou o illustre titular outra proposta sobre a reorganização da Escola Industrial Fernando Caldeira, cumprindo assim a promessa feita a quando da sua recente visita a esta terra e que encheu de jubilo quantos, com uma dedicação digna dos maximos elogios, estão tomando a peito os melhoramentos de que Aveiro carece e se consideram imprescindiveis para acompanhar o progresso, seguindo as iniciativas da hora presente.

Exposição de flores

Deve abrir amanhã no teatro com o concurso dos srs. Jacinto de Matos e Moreira da Silva & Filhos, do Porto, e ainda de varios amadores de Aveiro, Agueda, Anadia, etc.

E' de prever larga concorrencia de visitantes.

FERIADO

Na segunda-feira é o feriado no concelho, estando por isso fechadas as repartições publicas.

MARIO Duarte, sua esposa e filhos julgam ter agrado a todas as pessoas que lhe testemunharam o seu pesar pelo falecimento de seu chorado pae, sógro e avô; podendo, porém, ter havido omissões, aliás involuntarias, vêm por este meio patenear a todos o seu eterno reconhecimento.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 5

(Retardada)

A lavoura está sequiosa de pouco valendo os orvalhos que ontem principiam a cair, mas que o vento rijo do norte logo fez evaporar.

Uma calamidade se não vem chuva com força.

Com a filha Amelia do sr. Joaquim Marques, consorciou-se no Carregal o sr. Joaquim Fernandes, guarda livros da Fabrica de Ceramica das Quintans, rapaz novo, mas estimado pelos predicados que nele concorrem a par de apreciabilissimas qualidades de trabalho.

Os nossos parabens e que o futuro lhe decorra venturoso.

Seguiu para Aveiro a encarregada da estação telegrafo-postal desta localidade, sr.ª D. Caçilda Dias, onde continuará no desempenho dos mesmos serviços.

Realizaram-se as ladaíhas que precedem o dia da Ascensão, tendo vindo na terça-feira de manhã á capela de S. Tomé acompanhadas de muito povo.

Em avançada idade faleceu na Oliveirainha a viuva Ana Ferreira de Jesus ou Ana Bernarda e nas Quiutans, victimada pela tuberculose, uma filha, bastante nova, do sr. José Talhadas.

No domingo veio jantar á mata da quinta pertencente aos herdeiros do dr. Sobreiro um grupo de rapazes de Aveiro, que ali passaram uma bela tarde em companhia de algumas moças do lugar que com eles se foram divertir e trocar impressões.

Retiraram alegres e satisfeitos.

Requieixo, 2

No dia 27 do preterito março foi passada busca ás moradas de Augusto Maia e sua sogra Rosa da Cruz Maia como suspeitos no roubo feito a Manuel L. Ferreira, caso a que nestas colunas nos temos referido.

A boas horas, tio Pedro...
A coisa tem de ficar assim mesmo e... não fica mal, salvo se o poder judicial intervir no caso que, cremos, só dará ao indigitado autor do roubo o incomodo da defesa.

Veremos e diremos depois.
Corre o tempo muito mal para a agricultura. E' o pasto da fome que cada vez mais se alastra, contrastando com a indifferença dos governantes. Verdade é que os governos ou hão de atender á miseria publica ou á politica nefasta onde chafurdam e é esta que mais convem. Os famintos que se enforcem.

Para a vinicultura vai o tempo ás mil maravilhas, e a continuar assim teremos uma colheita abundantissima. Valha-nos ao menos isso para consolo dos produtores e gaudio dos amantes do genero.

Verdemião, 27 de abril

(Retardada)

Baptizou-se no domingo na parochial da nossa freguezia uma filhinha do sr. José Nunes de Oliveira, negociante de gado, tendo servido de padrinhos o sr. José da Rocha Serradeira e a esposa do estimavel assinante deste jornal, sr. Antonio Rei, de Vilar.

A neofita recebeu o nome de Maria dos Prazeres, sendo servido após o acto um lauto jantar.

Muitos parabens e felicidades.
A tosse coeluche grassa por estes sitios com certa intensidade, atacando as creanças a ponto de já ter falecido deste mal o filhinho mais novo do sr. Antonio Simões.

Na igreja do Outeirinho tem-se ultimamente feito preces ad *petendem suviam*.

Deu á luz uma menina a esposa do sr. Manuel dos Santos Marabuto.

Tambem teve uma creança do sexo masculino a esposa do sr. João Paixão.

O tempo continua agreste pelo que se receia um ano de fome.

Correio do jornal

Sr. Artur de N. Portugal, Guiães—
Recebi a sua carta com os 3000, que creditamos na conta. A assinatura fica agora paga até 15 de julho de 1918. O jornal tem seguido sempre com toda a regularidade.

ANUNCIOS

LEILÃO

No dia 22 do corrente continuacão do leilão de penhores anunciado para o dia 15, neste mesmo jornal da casa de penhores desta cidade de João Mendes da Costa, e que tenham mais de trez mezes em atraso.

Este leilão assim como o do dia 15 realizar-se-ha na Rua Eça de Queiroz 36 e começarão ás 10 da manhã.

O Mutuante

João Mendes da Costa

CASA

VENDE-SE uma em construção na Nova Avenida. Trata-se com Francisco Augusto Duarte—Avenida Araujo e Silva—AVEIRO.

CIMENTO

TENAZ e outras marcas, brevemente á descarga na barra de Aveiro.

Pedidos a Maia, Martins & Ct.ª (Suc) AVEIRO

ARMAÇÃO

Vende-se toda a armação de gala, com grande quantidade de damascos de seda, e mais objectos.

Dirigir ao armador Francisco Maria de Carvalho, Praça do Peixe, n.º 9—Aveiro